ICOM PORTUGAL

INFORMAÇÃO ICOM.PT

Série II, nº22 (Set-Nov13)

CONTEÚDOS

01 EDITORIAL
02 ARTIGO SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS
12 OPINIÕES EM TEMPOS DE CRISE, O QUE FAZ COM QUE UMA CÂMARA INVISTA EM MUSEUS?
15 NOVOS, RECENTES E RENOVADOS MUSEU DA VINHA E DO VINHO - BUCELAS
21 NOVAS PUBLICAÇÕES
22 NOTÍCIAS ICOM
23 CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

EDITORIAL

MARIA VLACHOU

Surpreendentemente, talvez, não faltam notícias sobre a abertura de novos museus em Portugal. Em finais de Julho abriu o Museu da Vinha e do Vinho em Bucelas, que se juntou à Rede Municipal de Museus e Galerias de Loures. **Conceição Assis Macieira**, Coordenadora da Área de Museus e Galerias, apresenta-nos este novo projecto. Recebemos ainda a notícia da abertura do Museu do Fogo e da Resina em Vila de Rei, que esperamos poder conhecer melhor na próxima edição deste boletim.

O que faz com que uma Câmara invista em museus em tempos de crise? Eis a pergunta que colocámos no mês das eleições autárquicas a dois colegas muito ligados à política cultural e museológica dos seus municípios: **Sandra Rodrigues**, Museóloga da Câmara Municipal de Ponte de Lima, e **Joaquim Jorge**, Antropólogo e Asessor do Vice-Presidente da Câmara Municiapl de Loures.

Nesta edição do boletim temos ainda o prazer de dar a conhecer melhor o **Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus da BAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**. Um grupo muito dinâmico e incansável, composto pelos colegas Conceição Serôdio, Maria José de Almeida, Fernanda Ferreira, Cristina Cortês, Paula Moura, Filipa Medeiros, Armanda Salgado, Leonor Antunes e Alexandre Matos.

Agradecemos a todos os colegas a sua colaboração. Como sempre, no fim do boletim, poderão encontrar referências de novas publicações e o calendário de iniciativas especialmente dirigidas a profissionais de museus. Chamamos a atenção para a edição **das Actas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa**, uma edição conjunta do ICOM Portugal e da CPLP.

Boa leitura.

ARTIGO

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS

CONCEIÇÃO SERÔDIO; MARIA JOSÉ DE ALMEIDA; FERNANDA FERREIRA; CRISTINA CORTÊS; PAULA MOURA; FILIPA MEDEIROS; ARMANDA SALGADO; LEONOR ANTUNES E ALEXANDRE MATOS.

GRUPO DE TRABALHO SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS DA BAD

> *People have been gathering things into collections for a long time. The resulting collections might be informal, but when they are institutionalized and sustained over time, they are typically referred to as libraries, archives, and museums. There are good reasons why libraries, archives, and museums have evolved on separate paths, but the information age arising around new information and communications technologies brings them together as never before. (…) The focus then turns to the changes in the concept of collection in the emerging information age, and the challenges facing the traditional patrons of collecting. (…) Ultimately, we argue that the differences among the separate worlds of libraries, archives and museums should be subordinated to the emerging need to strengthen what we call the epistemic infrastructure of the knowledge based economy through a new view of collecting and collections.*
>
> (Hedstrom e King, [s.d.])

Património cultural é testemunho de identidade, valor de inesgotável poder encantatório e de conhecimento e, por esta razão, exige esforços congregados das tutelas e profissionais no sentido da sua cabal preservação, divulgação, utilização e usufruto de todos. Estes testemunhos, fixados num suporte passível de apreensão patrimonial, ao serem interpelados constituem o cimento cultural sobre o qual podemos construir o futuro, desenvolver a técnica, as artes e a ciência. Patrimónios de saber são a base de uma sociedade cosmopolita, onde se concretiza e afirma a coesão social, a economia da cultura, a inovação, o emprego, a formação de melhores profissionais, o empreendedorismo, as redes e partilha de recursos, a actividade cultural e a aproximação entre povos através da troca de experiências e de conhecimento.

Os arquivos, bibliotecas e museus, enquanto instituições de memória, organizam o património e informação cultural na medida em que encerram a memória das comunidades, das instituições e do indivíduo, criando pontes de comunicação entre o passado e o presente, e o presente e o futuro, permitindo que o legado chegue às gerações vindouras (Kirchhoff, Schweibenz e Sieglerschmidt, 2009). Neste contexto, necessitam de ferramentas que auxiliem no processo de controlo, tratamento e difusão dos conteúdos que custodiam. Desde a análise e tratamento (intelectual e físico) dos objectos – através do emprego de normas pelas quais actualmente se regem –, até à utilização de sistemas de informação – que permitam a normalização de todos os procedimentos inerentes à actividade museológica –, todos se revelam essenciais e potenciadores de uma boa gestão dos recursos que circulam nestas instituições (Fajardo, 2000). Torna-se premente a necessidade de definição da relação a estabelecer entre os três conjuntos patrimoniais (museológico, documental e arquivístico), assim como dos seus métodos de tratamento e de classificação, a utilizar para descrever as colecções (Dávila Freire, 2012).

A documentação do património cultural é uma das mais exigentes tarefas de entre as muitas que, hoje em dia, são pedidas aos responsáveis nos museus e instituições similares. A normalização assume um papel fundamental na documentação em museus e, embora seja mais tardia em relação às bibliotecas e arquivos, possibilita da mesma forma a disseminação da informação e a criação do conhecimento exigidos pela atual sociedade de informação em que vivemos. Nos museus, a discussão de normas está organizada em três grandes áreas: normalização de estrutura de dados, normalização de procedimentos e criação estruturada da terminologia. No entanto, tendo em conta a diversidade de colecções (objectos, livros, documentos, etc.)

existente nos museus, a exigência que é colocada aos seus sistemas de informação para a eficiente gestão das colecções ultrapassa as normas específicas desta área e tem de abranger na sua concepção normas de bibliotecas, arquivos, formatos multimédia, bem como normas técnicas de pesquisa, recuperação e intercâmbio de informação.

Potenciar o estabelecimento de pontes de comunicação entre as diferentes tipologias de informação, criadas e geridas dentro do museu – através de recursos digitais e da utilização de todas as ferramentas, procedimentos e processos normativos inerentes –, permitirão relacionar, de forma consistente, os diferentes recursos, facilitando assim a tarefa de acesso ao utilizador final. É neste fervilhar de informação que os museus estão preocupados em conectar as suas colecções, fazendo uso das potencialidades das novas tecnologias e das ferramentas da web 2.0. A preocupação passa pela criação de redes de serviços inovadoras, complementando as suas colecções através de ambientes digitais interactivos (Kirchhoff, Schweibenz e Sieglerschmidt, 2009).

A convergência digital, a relembrar as origens comuns das instituições de memória (Given e McTavish, 2010), promoveu diversos debates na comunidade científica. A visibilidade dos sistemas de informação na *web* tornou também clara a pluralidade de normas e formatos diferentes para efectuar a organização e a representação de informação (France, Emery e Toth, 2010; Rayward, 1998). Neste quadro de partilha, colaboração, disponibilização e comunicação da informação poder-se-á pôr em causa a necessidade desta multiplicidade de normas num cenário onde diferentes sistemas de informação partilham os mesmos objectivos, na altura da recuperação da informação. Efectivamente, um utilizador quando efectua uma pesquisa num cenário digital não lhe é relevante a origem da mesma, ou seja, se provém de um arquivo, de uma biblioteca ou de um museu (Kirchhoff, Schweibenz e Sieglerschmidt, 2009). Como resultado destas indagações surgiram vários projectos de mapeamento, com o objectivo de permitir a interoperabilidade entre os sistemas de informação. Disso são exemplo, os da OCLC, LC ou os disponibilizados pelo *J. Paul Getty Trust*, bem como o desenvolvimento de novos modelos e a adopção de formatos de visualização comuns, como é o caso do *Dublin Core* ou formatos independentes do sistema, denominados, *Open data*.

A constituição do grupo de trabalho no âmbito da BAD

É neste contexto, perante os novos desafios e mudanças que as instituições de memória enfrentam actualmente, que o **grupo de trabalho em sistemas de informação em museus** (GT-SIM) foi constituído, no âmbito da BAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Contudo, a ideia da constituição do grupo de trabalho tem a sua origem na realização das duas edições do **Encontro Nacional de Centros de Documentação de Museus**, promovidas pelos Museus de Loures. O primeiro, realizado em outubro de 2004, foi enquadrado pelo "Programa de Apoio à Qualificação de Museus" do então Instituto Português de Museus / Rede Portuguesa de Museus (IPM/RPM) e, das suas conclusões, destacamos:

5. A necessidade de integração dos acervos museológicos no contexto de sistemas de documentação, de forma, a criar um todo informacional.
6. A necessidade de trabalho pluridisciplinar na abordagem e alargamento do conceito de objecto museológico.
7. Subscrição da ideia de que todo o museu pode ser ele próprio um centro de documentação.
8. A necessidade de articulação entre todos os técnicos do museu, quer sejam bibliotecários, arquivistas ou museólogos.

10. Necessidade e urgência de criação de um grupo de trabalho, na Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, de unidades documentais dos museus.
(Museu de Cerâmica de Sacavém, 2004)

O segundo encontro, da inteira responsabilidade dos Museus de Loures e realizado em março de 2012, procurou continuar a promoção do diálogo em torno da necessidade de um trabalho conjunto e pluridisciplinar entre os profissionais da museologia, bem como reflectir sobre a colecção museológica, a salvaguarda do património, a comunicação com o mundo, a responsabilidade e inovação do conhecimento no interior e exterior dos museus. Assim, ficou aberto o espaço para novas parcerias e troca de experiências entre os museus e, em Abril de 2012, o necessário **GT-SIM** constituiu-se formalmente como grupo de trabalho da BAD.

A **BAD** – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, assenta numa premissa de solidariedade e de reforço das relações de todos os seus associados, no que à investigação, aperfeiçoamento científico, técnico, cultural e de formação dizem respeito. Neste sentido, tem vindo a intervir de forma transversal nas áreas de planeamento, gestão, implementação e desenvolvimentos de sistemas de informação documental, assente numa visão integradora de acesso à informação. Nesta visão de mobilização de todos os profissionais, quer se trate de associados ou não, em torno "da valorização e defesa dos serviços em que trabalham…", têm-se encetado novas formas de participação mais activa, chamando à acção todos aqueles que pretendam partilhar e fazer parte de uma geração atenta às realidades emergentes e às constantes necessidades de estruturação, adaptação e criação de novas linhas de força e pensamento. A sua materialização dá-se com a criação de diferentes grupo de trabalho, de acordo com as áreas que necessitam de apoio, análise e exploração: arquivos municipais, arquivos audiovisuais, gestão de documentos de arquivo, bibliotecas públicas, bibliotecas do ensino superior, tecnologias de informação e documentação e os **sistemas de informação em museus** (APBAD, 2012).

Como referido, o **GT-SIM** constitui-se durante os trabalhos do Encontro Nacional em março, é aprovado pelo CDN da BAD em abril de 2012 e apresenta actividades programadas até 2014.

Equipa de Coordenação [triénio 2012-2014] - Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus
Maria da Conceição Tavares Serôdio e Castro Pinhão, Bibliotecária | COORDENADORA DO GRUPO
Fernanda Maria Cunha Ferreira Serrano, Bibliotecária
Filipa Maria Cristóvão Medeiros, Bibliotecária
Leonor Calvão Borges, Arquivista
Maria José de Almeida, Arqueóloga
Maria Leonor de Vasconcelos Antunes, Bibliotecária
Paulo Ferreira da Costa, Antropólogo

O Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus conta actualmente com 64 membros, a maioria dos quais não é associado da BAD. São sobretudo profissionais que exercem a sua actividade em museus (quer na área das colecções, quer nas áreas do livro e da documentação), mas também em bibliotecas, arquivos e instituições de ensino superior. No que diz respeito à tutela das entidades onde os membros do grupo se enquadram, maioritariamente são da administração local, seguida de perto pela administração central e regional (na qual se inclui a região autónoma dos Açores), mas regista-se também a presença de onze membros que se enquadram em entidades de direito privado (associações, fundações e empresas). Sublinhando a assimetria territorial que caracteriza o nosso país, os membros do GT-SIM concentram-se

sobretudo nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Entre 2012 e 2013, o grupo de trabalho estimulou a participação activa dos seus membros nas suas diferentes linhas de acção, garantindo o funcionamento pró-activo destas com o aumento dos membros da equipa de coordenação. Ainda em 2012, o grupo de trabalho estabeleceu a sua identidade com a apresentação de um logotipo e a fixação do conceito de sistemas de informação em museus que possibilitou a definição dos objectivos estratégicos e das linhas de acção. Neste âmbito produziu um folheto de divulgação do grupo de trabalho e promoveu a realização de um painel intitulado *Os desafios dos sistemas de informação na missão museológica*, apresentado no 11º Congresso da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (Serôdio *et al.*, 2012).

Painel *Os desafios dos sistemas de informação na missão museológica*.
11º Congresso da APBAD.
© Fernanda Ferreira, outubro de 2012

O Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus procura pensar o museu como um centro de produção de conhecimento ao assumir o objecto de museu como documento e o acervo da instituição museológica (existente nas reservas, arquivo, biblioteca ou centro de documentação) como um todo unitário nas suas inter-relações informacionais. A visão integradora do acervo do museu implica um maior enfoque nas potencialidades informativas do mesmo, contribuindo assim para uma mais eficiente gestão de toda a informação sobre património cultural, produzida em contexto museológico.

No âmbito deste Grupo de Trabalho, utiliza-se o conceito operatório de sistema de informação em museus (SIM) enquanto conjunto ordenado de elementos inter-relacionados que reúne, armazena, processa e faculta informação considerada relevante para a missão e funcionamento da entidade museológica. Este sistema é centrado na colecção e na prática museológica. Entende-se aqui a colecção como um conceito abrangente que compreende todos os acervos museológicos, independentemente da sua natureza ou suporte, incluindo espécimes bibliográficos e arquivísticos existentes no museu ou que com ele possam ser inter-relacionados. Ao procurar a interoperabilidade com sistemas análogos, o SIM obedece às normas nacionais e internacionais no âmbito da museologia, arquivística e biblioteconomia, nas suas três vertentes essenciais: estrutura de dados, terminologia e procedimentos.

Objectivos estratégicos do Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus

- Constituir-se como uma plataforma de reflexão e dinamização do diálogo e articulação entre todos os profissionais da informação no universo dos acervos museológicos;
- Promover o levantamento nacional dos recursos existentes nas áreas da gestão da informação dos acervos museológicos, de modo a desenhar um quadro global desta realidade;
- Desenvolver encontros, seminários e outras iniciativas de valorização profissional;
- Apresentar-se como parceiro activo na sociedade civil no que diz respeito à gestão da informação dos acervos museológicos e à sua importância estratégica na área do património cultural.

Linhas de Acção - triénio abril de 2012 a abril de 2015
Neste contexto, o grupo definiu linhas de acção diferenciadas com o propósito de concretizar os objectivos propostos que incluem: "Diagnóstico relativo aos sistemas de informação nos museus portugueses"; "Metodologias e procedimentos nos sistemas de informação dos museus portugueses"; "Constituição de um centro de documentação virtual"; "*Workshops* temáticos e conferências" e; "Promoção e divulgação da actividade do GT-SIM".

Enquadrado pela sua linha de acção dedicada aos **Workshops temáticos e conferências**, o grupo de trabalho integrou com sucesso o Ciclo de Seminários da BAD para 2013, no âmbito das suas actividades de formação não acreditadas, com a preparação de quatro seminários, direccionados para a área temática dos sistemas de informação em museus:

1. Gestão da informação em museus: identificar para integrar (Oradores: Leonor Calvão Borges e Paula Moura. Data: 29 de abril de 2013)
2. Interoperabilidade em instituições de memória (Oradores: Cristina Cortês e Rafael António. Data: 10 de maio de 2013)
3. A utilização dos *thesauri* nos sistemas de gestão do património cultural (Orador: Natália Jorge. Data: 30 de setembro de 2013)
4. Documentação de património imaterial em contexto museológico (Orador: Paulo Ferreira da Costa. Data: 9 de dezembro de 2013).

Correspondendo a uma das mais recentes iniciativas formativas da BAD, o grupo de trabalho participa também na nova área de intervenção da associação de promoção de eventos *Online* de carácter técnico e científico, os **Webinars,** destinados aos profissionais de informação e documentação, com a preparação de quatro webinars a decorrer ao longo de 2013:

1. Organização e representação da informação: arquivos, bibliotecas e museus (Oradores: Nuno Oliveira e Pedro Rangel Henriques. Data: 7 de maio de 2013)
2. Monitorização e avaliação das redes sociais: o caso do Facebook (Orador: Maria Armanda Salgado. Data: 15 de outubro de 2013)
3. Interoperabilidade em instituições de memória (Orador: Cristina Cortês. Data: 22 de outubro de 2013)
4. SPECTRUM: norma de procedimentos de gestão de colecções (Orador: Alexandre Matos. Data: 19 de novembro de 2013).

Ainda nesta linha de acção, registamos com muito agrado a organização conjunta com o ICOM-Portugal do **Encontro de Outono** com o tema **Sistemas de Informação em Museus: Estado da Arte em Portugal**. Esta iniciativa terá lugar no Museu da Eletricidade no dia 11 de Novembro de 2013 e com o patrocínio da Fundação EDP. Tem como principal objectivo a realização de um ponto da situação a nível nacional e

internacional no que diz respeito a políticas, normas, procedimentos e projectos recentes, promovendo o debate esclarecido sobre perspectivas futuras, estratégias, transversalidades e parcerias nacionais e internacionais. Pretende-se também que este encontro possa ser a primeira de muitas iniciativas que aproximem os profissionais da documentação e museologia em torno da temática dos sistemas de informação, com o apoio das suas estruturas representativas.

Outras das linhas de acção programadas para este triénio diz respeito à **Constituição de um centro de documentação virtual**. Respondendo à necessidade de organizar criticamente inúmeros recursos de informação relevantes para os sistemas de informação em museus, privilegiando os de acesso aberto na internet, o principal esforço será canalizado para a construção de linguagens documentais que permitam a sua análise e recuperação, o que esperamos venha a ser principal mais valia deste projeto. Estão reunidos actualmente mais de uma centena de recursos de informação relacionados com a temática do grupo de trabalho, nomeadamente com a gestão e sistemas de informação em museus e suas bibliotecas e arquivos, bem como com a documentação e normalização documental dos acervos museológicos, bibliográficos e arquivísticos dos museus. Prevê-se a disponibilização pública em finais de 2014.

Promoção e divulgação da actividade do GT-SIM constitui mais uma linha de acção do grupo, conscientes que estamos da tendência crescente, viabilizada pela tecnologia, da necessidade de comunicação contínua entre os elementos do grupo e destes com o exterior. Esta comunicação tem como principais objectivos dar visibilidade ao trabalho a desenvolver desde a sua concepção, e constituir uma rede de relacionamentos profissionais, tendo em vista a partilha, o diálogo e a reflexão sobre temas relacionados com a gestão de informação no âmbito dos acervos museológicos.

Destacamos a nossa participação activa no **Notícia BAD**, jornal em linha da BAD (APBAD, 2013). Tendo como objectivos a divulgação das actividades do grupo de trabalho e a produção de conteúdos de promoção e valorização da realidade museológica e seus sistemas de informação, através da recolha de entrevistas, testemunhos, textos de opinião, o grupo tem preparado a divulgação regular de notícias neste canal de comunicação. Desde janeiro de 2013, encontram-se publicadas, na categoria ***info em museus***, 19 notícias resultantes das colaborações de diferentes membros do grupo de trabalho e convidados. Os textos de reflexão e entrevistas são da maior importância e contribuem largamente para os objectivos do GT-SIM.

Não podemos deixar de assinalar a lista de discussão, prerrogativa dos grupos de trabalho constituídos na BAD, e que promove a comunicação interna entre os membros do grupo de trabalho. Bem como o fato do GT-SIM estar nas redes sociais, dinamizando um grupo no Facebook que conta neste momento com cerca de 360 membros. Esta plataforma colaborativa tem servido sobretudo para a difusão de informação relevante para a temática do grupo (desde recursos a eventos, na dimensão nacional e internacional), bem como para a promoção da identidade do GT-SIM e divulgação das suas acções.

As acções desenvolvidas pelo grupo de trabalho não se consubstanciam somente nas iniciativas públicas anteriormente apresentadas. O grupo tem desenvolvido trabalho em outras linhas de acção, nomeadamente na preparação e realização de um **Diagnóstico da cultura organizacional dos museus portugueses**, no que respeita à gestão da informação sobre os seus vários tipos de bens patrimoniais, considerando diferentes questões a tratar:

1. Organização funcional do museu e a articulação entre os seus diversos serviços
2. Os recursos humanos e materiais disponíveis no museu
3. Os públicos destinatários dos serviços prestados pelo museu no âmbito da gestão daquela informação.

Por outro lado, a reflexão em torno das **Metodologias e procedimentos nos sistemas de informação dos museus portugueses**, tem também concentrado os esforços deste grupo de trabalho. O estudo das regras de descrição dos três sistemas e análise da forma de recuperação da informação tendo em vista uma abordagem transversal de interoperabilidade entre arquivos, bibliotecas e museus, o levantamento de normas, portuguesas e estrangeiras e eventual tradução destas últimas, ou a reflexão sobre a normalização dos sistemas de informação em museus, no que respeita à estrutura de dados, terminologia e procedimentos são os objectivos gerais desta linha de trabalho.

Durante este triénio foram estabelecidos três objectivos específicos: 1) elaboração de um conjunto de linhas orientadoras (guidelines) de apoio ao trabalho de descrição nos museus, tendo como base a aplicação *Spectrum*; 2) tradução do documento *Cataloguing Cultural Objects* (CCO), norma desenvolvida pela VRA – *Visual Resources Association*, em 2006, com o objectivo de, internacionalmente promover e divulgar as boas práticas, na catalogação de recursos visuais, pelas comunidades das bibliotecas, arquivos e museus. Está dividido em duas grandes áreas: uma em que determina os elementos a figurar no registo e uma outra que aborda as autoridades (Baca et al., 2006); 3) levantamento das terminologias portuguesas e estrangeiras relacionadas com o património cultural em geral, com a finalidade de apoiar a indexação da informação existente nas instituições de memória.

Conclusão

Após ano e meio de existência do GT-SIM o grupo pretende continuar a fomentar a reflexão e a discussão de temas emergentes no seio do mesmo, mas também responder a desafios e questões que têm vindo a ser colocados pelos profissionais da informação, nos mais diversos encontros, seminários e webinars realizados ao longo deste período. Nesse sentido, o GT-SIM apresenta como objectivo facultar a todos os profissionais da área, formação, materiais de trabalho, entre os quais metodologias, procedimentos, bibliografia nacional e internacional promovendo, desta forma, as ferramentas fundamentais para apoiar e fundamentar escolhas em termos profissionais. Numa perspectiva mais ampla, e que se constitui como o verdadeiro desafio do grupo, o GT-SIM ambiciona contribuir para o desenvolvimento de sistemas integrados de informação nos museus, em que a interoperabilidade da informação seja assegurada, tendo em vista a sua adequada recuperação e partilha. Há assim, um caminho a percorrer, em termos de consolidação e de operacionalidade de objectivos, mas que tem vindo a ser enriquecido e continuará a sê-lo, através da participação de todos que directa e indirectamente têm vindo a colaborar neste grupo.

Contactos do Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus – BAD
Coordenação: Conceição Serôdio - conceicaoserodio@gmail.com
Divulgação: Fernanda Ferreira Serrano - fernandaferreira@iol.pt
Mailing list: gt-sim@lists.bad.pt
Notícia BAD: http://www.bad.pt/noticia/category/informacaomuseus/
Facebook: https://www.facebook.com/#!/groups/SistemasInformacaoMuseus/
Inscrição no Grupo: http://www.apbad.pt/Seccoes/Seccoes.htm

BAD-Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
Rua Morais Soares, 43, 1º Dto e Fte – 1900-341 Lisboa
Tel: 218161980 Email: apbad@apbad.pt

Bibliografia citada

APBAD. (2013). Sistemas de Informação em Museus: um novo grupo de trabalho na BAD. *Notícias BAD: Jornal dos profissionais de informação*. Disponível em: http://www.bad.pt/noticia/category/informacaomuseus/ http://www.bad.pt/noticia/2013/01/15/sistemas-de-informacao-em-museus-um-novo-grupode-trabalho-na-bad/.

BACA, M. et al. (2006) - Cataloging Cultural Objects: A Guide to Describing Cultural Works and Their Images [Em linha]. Chicago: Amer Library Assn Editions. Disponível em: http://cco.vrafoundation.org/index.php/toolkit/cco_pdf_version/

DÁVILA FREIRE, M.(2012) - El Centro de Estudios y Documentación del MACBA. Hacia un nuevo modelo de biblioteca de museo. In *Primeras Jornadas de Bibliotecas de Museos* (pp. 9–19). Madrid : Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Disponível em: http://www.mcu.es/museos/docs/Primeras_Jornadas_BIMUS.pdf

FAJARDO, C. R. (2002) - Técnicas documentales aplicadas en Museología. *Cuadernos de documentación multimedia*, 2000, p. 269–278. Disponível em http://dialnet.unirioja.es/servlet/dcart?info=link&codigo=1408684&orden=60435.

FRANCE, F. G., EMERY, D., & TOTH, M. B. (2010). The Convergence of Information Technology, Data, and Management in a Library Imaging Program. *The Library Quarterly, 80*(1), 33-59. doi: 10.1086/648462

HEDSTROM e KING - On the LAM: Library, Archive, and Museum Collections in the Creation and Maintenance of Knowledge Communities [Em linha], post. 2001. Disponível em: http://www.oecd.org/education/country-studies/32126054.pdf

KIRCHHOFF, T., SCHWEIBENZ, W., & SIEGLERSCHMIDT, J. (2009). Archives, libraries, museums and the spell of ubiquitous knowledge. *Archival Science*, *8*(4), 251–266. doi:10.1007/s10502-009-9093-2.

RAYWARD , W. (1998). Electronic information and the functional integration of libraries, museums, and archives. *Status: published or submitted for publication*.

SERÔDIO, et al. (2012) - Desafios dos sistemas de informação na missão museológica. In: Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 11º [Em linha] Lisboa : APBAD [Consultado em 27-07-2013] Disponível em http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/344

Bibliografia complementar

BEKIARI (dir.), KONSTANTOPOULOS, P., & DOERR, M. (2005) design. Informações para documentação cultural. In Proceedings da Rede 9 DELOS de Excelência oficina temática: Repositórios Digitais: Interoperabilidade e Serviços Comuns 11-13 maio, Heraklion, em Creta.

CABALLERO, Zoreda L. (1988) -. La Documentación museológica Boletín Anabad. Madrid: Anabad, XXX-VIII, n º 4, pp 455-493.

CAMERON, F.; KERENDINE, S. (2007) - Theorizing Património Cultural Digital. A Crítica do Discurso, Cambridge, Massachusetts, Londres, Inglaterra: The MIT Press.

CARRETERO, Andréz [ed.] (1998) - Normalização documental de museos : Elementos para una aplicación informática de gestión museográfica. Madrid: Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales.

CIDOC (2007) Declaração de Princípios de Documentação do Museu. [Em Linha]. Comitê Internacional de Documentação. [Consultado em 20-12-2011] Disponível em: http://cidoc.mediahost.org/principles6

CIDOC CRM (2011) - CIDOC CRM. [Em Linha]. Comitê Internacional de Documentação. [Consultado em 07-05-2012] Disponível em: http://www.cidoc-crm.org/index.html

CORTÊS, A.C. (2013) - O desafio da homogeneização normativa em instituições de memória: proposta de um modelo uniformizador e colaborativo. [Em linha]. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Comunicação e Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Aveiro. [Consultado em 27-07-2012] Disponível em http://ria.ua.pt/handle/10773/10444

CROFTS, Nick. (2000). MDA Spectrum mapeamento CIDOC CRM. [Em Linha]. [Consultado em 16-10-2011] Disponível em: http://www.cidoc-crm.org/docs/ MDA20Spectrum_CIDOC_CRM_ mapping

DAWSON, Alex; HILLHOUSE, Susanna [Ed.] (2011)- SPECTRUM 4.0 - The UK Museum Collections Management Standard. Versão 4.0. Londres: Collections Trust.

DAWSON, Alex; HILLHOUSE, Susanna [Ed.] (2011a)- SPECTRUM 4.0 - The UK Museum Collections Management Standard. Appendix 1 – Information Requirements. Versão 4.0. Londres: Collections Trust.

DOERR, Martin; Crofts, Nick (1999) - esperanto eletrônica: o papel do objeto orientado Modelo de Referência CIDOC. ICHIM'99 Conferência Internacional sobre Hipermídia e Interatividade nos Museus, Washington, pp 157-173.

FAHY, Anne [ed.] (1998) - Gestão de Coleções. London: Routledge

FANFARRÃO, Rebecca A.; GILMORE, Jean Allman (2010) - Museu de métodos de registro 5a Ed, Washington, DC:. AAM Press.
GETTY HISTÓRIA DA ARTE INFORMAÇÃO PROGRAMA; CIDOC (1993) - Evolução Internacional dos Museus e Património Cultural Informações Standards. Santa Mônica: Getty Programa de Informação História da Arte.

GIVEN, L. M., MC TAVISH, L. (2010). What's Old Is New Again: The Reconvergence of Libraries, Archives, and Museums in the Digital Age. *The Library Quarterly, 80*(1), 7-32. doi: 10.1086/648461

GOUVEIA, L. B. (2004) - Sistemas de informação de apoio à gestão.
Disponível em: http://www2.spi.pt/inovaut/docs/Manual_VII.pdf

HARRISON, Margaret, McKenna, Gordon (2008) - Documentação: um guia prático. Cambridge: Collections Trust.

HOOPER-GREENHILL, Eilean (1992) - Museus e a formação do conhecimento. Londres e Nova York: Routledge.

ICOM (2006) - The Future of Collections. Newslletter do Conselho Internacional de Museus. Paris: ICOM, vol. 59, n º 4.

KANTER, Norbert (2008) - De coleções para sistemas de gestão de museus Uma revisão crítica das demandas e características… [Em Linha]. Conferencia Anual fazer CIDOC 2008. Atenas. CIDOC. [Consultado em 14-01-2012].
Disponível em: http://cidoc.mediahost.org/ archive/cidoc2008/Documents / papers/drfile.2008-06-50.pdf.

KOCH, Walter e KOCH, Gerda (2012) - Património Cultural: On the Way to Europeana [Em Linha]... Conferencia Anual fazer CIDOC, 2012. Helsinki, Finlândia. [Consult. 12-07-2012]
Disponível em http://www.cidoc2012.fi/en/ File/1491/cidoc2012-koch- abstract.pdf.

KOCH, Walter (2012) -. 404 Processos Museu e processos de negócio [Em Linha]. Conferencia Anual fazer CIDOC 2012. Helsinki, Finlândia. [Consultado em 2012/06/07] Disponível em: http://www.cidoc2012.fi/en/ File/1639/museum-procedures.pdf.

LEE, C. A., TIBBO, H. R. (2007). Digital curation and trusted repositories: Steps toward success. *Journal of Digital Information, 8*(2).

MANZUC, Z. (2009). Archives, libraries and museums as communicators of memory in the European Union projects. *Information Research, 14*(2).

MARIN TORRES, María Teresa (2002) - Historia de la Documentación museológica la gestión de la memoria Artística. Madrid: Ediciones Trea, SL.

MARQUES, I C. (2010) - O museu como sistema de informação. [Em linha]. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Museologia. [Consultado em 27-07-2013]
Disponível em: http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55282

MARTÍNEZ-URIBE, L., MACDONALD, S. (2008). A new role for the academic librarian: Data curation. *Un nuevo cometido para los bibliotecarios académicos: Data curation, 17*(3), 273-280.

MARTY, P. F. (2009). An introduction to digital convergence: libraries, archives, and museums in the information age. *Archival Science, 8*(4), 247-250. doi: 10.1007/s10502-009-9094-1

MATOS, Alexandre (2007) - Os sistemas de informação na gestão de coleções museológicas: contribuições para a certificação de museus. [Em linha]. Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Museologia.
[Consultado em 09-01-2012] Disponível em http://hdl.handle.net/10216/13038.

MATOS, Alexandre (2009) - Sistemas de Gestão de colecções: que Futuro? CAMACHO, C.F. [dir.] Museologia.pt, n.o3. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, pp 139-145.

MATOS, Alexandre (2012) - Spectrum: uma norma de gestão de coleções para os museus portugueses. [Em linha]. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP [Consultado em 27-07-2013] Disponível em http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67304

MOURA, P. (2009) - A gestão da oferta cultural nos museus: o uso digital na gestão integrada da informação [Em Linha] Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro
[Consultado em 27-07-2013] Disponível em http://ria.ua.pt/handle/10773/9203

MUSEU DE CERÂMICA DE SACAVÉM (2004) - Encontro Nacional de Centros de Documentação de Museus, I: Actas; (Org.) Museu de Cerâmica de Sacavém. Câmara Municipal de Loures, 2004

ORERA ORERA, L. (2011). La biblioteca : una revisión del concepto. *In*: J. LÓPEZ YEPES & M. R. OSUNA ALARCÓN (eds.), *Manual de ciencias de la información y documentación* (pp. 81 101). Madrid: Pirámide.

PEARCE, Susan M. (1994) [ed.] - Interpretação de objetos e coleções. London: Routledge.

REMELGADO, Patrícia (2008) - Gestão Integrada de colecções museológicas: proposta aplicada aos Museus da Câmara Municipal do Porto. [Em linha]. Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Museologia. [Consultado em 20-05-2010] Disponível em http://hdl.handle.net/10216/9142.

RIBEIRO, Fernanda (2005) – Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso? *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I Série vol. IV, pp. 83-100.

RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro da (2004) - Formação, perfil e competências do profissional da Informação. [Em linha]. *Actas do 8º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.* Lisboa e Estoril. [Consultado em 10-11-2011] Disponível em http://hdl.handle.net/10216/14056.

REED, Patricia Ann (1995) - CIDOC Modelo de Dados Relacional: Um guia. [Em Linha]. Comitê Internacional de Documentação. [Consultado em 29-06-2009] Disponível em http://cidoc.mediahost.org/content/archive/data_model/datamodel.pdf.

ROSS, S. (2012). Digital preservation, archival science and methodological foundations for digital libraries. *New Review of Information Networking, 17*(1), 43-68.

SILVA, Armando Malheiro da (2002) - Arquívistica, biblioteconomia e museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da Ciência da Informação. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

VILAR, Ana (2011) - Unidades de informação: criação e gestão de catálogos electrónicos em coleções museológicas. Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e da Documentação. Porto.

VONTADE, Leonard (1994) - Museus como centros de informação, Museu internacional XLVI, 1; Paris: UNESCO, pp 20-25.

Referências on-line
http://www.oecd.org/education/country-studies/32126054.pdf
http://archive.ifla.org/VII/s8/pub/Profrep108.pdf
http://www.ifla.org/node/928
http://www.ala.org/offices/library/CALM/alasaaaammjointcommi
http://swop.bsz-bw.de/volltexte/2010/809/pdf/bam_rindigfi_paper_final_bsz.pdf
http://www.intelyway.com/administrator/arhivi/Vid_Gajsek-MUZEJI/Archives,%20libraries,%20museums%20and%20the%20spell%20of%20ubiquitous%20knowledge.pdf
http://hangingtogether.org/?p=757
http://museums.alaska.gov/LAM/documents/slam/SLAM_WhitePaper_10-2012.pdf
http://www.oclc.org/research/activities/lamsurvey.html
http://summit2013.lodlam.net/2013/06/18/cidoc-crm-role-in-semantic-ch-projects/
www.collectionslink.org.uk
http://www.europeana-inside.eu/home/index.html
http://www.enumerate.eu
http://cordis.europa.eu/projects/rcn/80601_en.html

OPINIÕES

EM TEMPOS DE CRISE, O QUE FAZ COM QUE UMA CÂMARA INVISTA EM MUSEUS?

I

SANDRA RODRIGUES
Museóloga do Município de Ponte de Lima

Todos conhecemos o despertar das Autarquias para a construção de museus, tendo sempre como enfoque a preservação das tradições. Certo é que os edifícios são construídos, melhor ou pior equipados mas vulgarmente sem recursos humanos suficientes para que possamos considerar uma actividade museológica de rigor e qualidade. Acabamos pois por encontrar museus que não o são na realidade e que acabam por colocar em causa o objectivo para o qual foram criados.

Esta é a nossa percepção do que vai acontecendo um pouco por todo o país e por esse motivo assumimos que cada projecto museológico idealizado ao serviço do Município de Ponte de Lima tem de ter enquadramento com uma identidade cultural, baseada não apenas em museus mas num conjunto de actividades e equipamentos que se complementam. Felizmente o Município de Ponte de Lima, através do Vereador da Cultura Dr. Franclim Castro Sousa, teve esta premissa ao longo dos últimos onze anos, permitindo a esta vila minhota "vestir-se" de estruturas, projectos e equipas culturais com um mesmo fim: preservação, investigação, educação e promoção de uma memória, não só minhota mas de âmbito mais alargado.

No contexto museológico muitas são as actividades desenvolvidas e seria fastidioso enumerarmos tudo o que se realizou, destacamos pois o mais significativo e deixamos o convite para nos visitarem.

Em 2001 o Município celebrou uma parceria com a Igreja Católica para a recuperação de um museu de arte sacra, instalado num extinto convento franciscano do século XV e da igreja e anexos da Ordem Terceira de São Francisco. O projecto foi objecto de candidatura ao Programa Operacional da Cultura e a Autarquia assumiu 1.500.000,00€. Apesar do Museu dos Terceiros ter uma colecção muito específica acaba por ter uma óptima relação com a comunidade local, com os "vizinhos" que o visitam regularmente para participar num conjunto de actividades, dentro e fora de portas, como são as viagens culturais, organizadas anualmente. Promove ainda este museu um programa regular de exposições temporárias, sendo que anualmente uma é decorrente de uma parceria externa, como foram o caso dos "Presidentes da Republica", com o Museu da Presidência da República; os "Cristos da colecção de José Régio", com a Casa José Régio de Portalegre, ou mais recentemente, "Oratório" da Paula Rego, articulado com a artista. A segunda exposição temporária anual apresenta a arte sacra das paróquias do concelho. Acresce a esta actividade regular um programa de serviços educativos com as escolas e lares do concelho.

Resultante de nova parceria foi a criação do Museu do Brinquedo Português, com um investimento de 600 000,00€, foi aberto ao público em junho de 2012 e conta já com mais de 30 000 visitantes. Este espaço extravasa a identidade local, considerando que o conteúdo museológico (colecção, documentação…) tem um cariz nacional. Trata da história do brinquedo industrial de fabrico português, balizado entre os finais do século XIX e 1986, data que marca a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia e o encerramento derradeiro das empresas de fabrico de brinquedos portugueses.

Para além da área "formal", este museu tem um espaço lúdico, a "Sala das Brincadeiras", onde brincar é imperativo e torna a saída do museu bem mais atractiva. Neste momento e até dezembro de 2013, estará patente uma exposição temporária intitulada "Mães Pequeninas", essencialmente constituída por bonecas de fabrico europeu num contexto sociológico; do que foram feitas? Quem foram os grandes fabricantes? Para que serviram/servem?

Para breve estão previstas as aberturas de três novos espaços museológicos, mas para já podem acompanhar-nos em www.museuspontedelima.com .

Poderíamos questionar o volume de investimento na cultura, em particular, nas instituições museológicas, numa "época de crise", no entanto, é preciso perceber duas situações: a primeira é que o Município de Ponte de Lima é das poucas autarquias que não tem endividamento, pelo contrário, respira saúde financeira. A segunda razão prende-se com uma estratégia política, vincada em investimentos na educação e na cultura, considerados motores de desenvolvimento no concelho. No que diz respeito aos museus, em concreto, a motivação também tem um cariz económico, visto que a oferta de um conjunto de pacotes turísticos, tem necessariamente de passar por uma oferta diversificada. Se considerarmos que ainda existe muito por fazer no âmbito do turismo, então podemos também afirmar que os museus em Ponte de Lima são também projectos-âncora para um concelho que quer mais turistas, mais investimento e um desenvolvimento sustentado.

Deixamo-vos agora a resposta à pergunta, para o Município de Ponte de Lima, os museus como veículo de acesso à cultura, são mesmo um desafio!

II
JOAQUIM JORGE
Antropólogo, Assessor do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loures

"A produção do local é eminentemente plural, e o local não é simples."
A. Appadurai (1995) "The production of locality", in R. Fardon (ed.), *Counterworks*.

Gostaria de iniciar com uma nota positiva. Apesar dos tempos difíceis que atravessamos, continuam a surgir novos museus um pouco por todo o país. Novos museus surgem também, não raras vezes, como resultado de uma crise, como por exemplo o Museu de Cerâmica de Sacavém (2000), que aparece após o desmantelamento da Fábrica de Loiça de Sacavém (1983). A abertura de novos equipamentos culturais, em geral - e de museus, em particular -, é quase sempre o culminar de um longo processo de negociação, de um maturado labor científico e de um avultado investimento financeiro.

A crise económica e financeira, que se veio a agravar a partir de 2008, em nada difere de outras que a precederam. Não trouxe, em si mesma, nada de novo para os museus locais, habituados que estão a viver há muitos anos com orçamentos modestos. No entanto, tem vindo a colocar a administração municipal sob um apertado escrutínio, o que poderia ter inviabilizado quaisquer decisões de investimento na área da cultura e do património.

Dependem da Rede Municipal de Museus e Galerias (RMMG) sete equipamentos (Museu Municipal de Loures – 1985; Museu de Cerâmica de Sacavém – 2000; Galeria Municipal do Castelo de Pirescouxe – 2001; Núcleo Museológico Casa-Museu José Pedro – 2005; Galeria Municipal Vieira da Silva – 2008; Centro de Interpretação das Linhas de Torres – 2012; e Museu do Vinho e da Vinha de Bucelas – 2013), onde trabalham cerca de 40 técnicos. Os museus em Loures solidificaram o seu caminho à luz das orientações teóricas da Nova Museologia; isto é, uma prática museológica com um forte enfoque nas funções educativas, ao serviço do desenvolvimento local, das comunidades e das pessoas.

Todas as crises obrigam os museus a encontrar novas soluções para antigos problemas, pois oferecem oportunidades de melhorar o relacionamento com os públicos, de aumentar e qualificar as relações entre diferentes instituições, e, incentivam uma mudança de atitude dos museus face à sociedade. Uma nova conduta, centrada na cooperação com outras instituições, em busca de possíveis relações de parceria, onde os implicados teriam mais benefícios em conjunto do que agindo isoladamente; um posicionamento de mercado junto do mundo empresarial, oferecendo visibilidade em troca de bens e serviços; uma diversificação das fontes de financiamento.

Um exemplo bem-aventurado, e cujo impacto, apesar de recente, é indubitável, prende-se com a implementação da Rota Histórica das Linhas de Torres. Uma candidatura subvencionada em 74% pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (MFEEE), liderada pela Câmara Municipal de Torres Vedras, apresentada em parceria com as câmaras municipais de Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira, que decorreu entre 2007 e 2011, num investimento total directo que ultrapassou os dois milhões de Euros no conjunto das seis autarquias, cabendo à Autarquia de Loures um investimento total directo superior a duzentos e cinquenta mil euros. Estamos perante um nível de cooperação intermunicipal sem precedentes em Portugal e que mereceu, em 2011, por parte do Turismo de Portugal um prémio na categoria Requalificação Projeto Público.

Outros exemplos, sendo de uma menor escala, não deixam de se revestir de igual nível de contentamento face aos efeitos gerados. Destaco: a organização em 2012, em parceria entre a autarquia e a Mapa das Ideias, da 9ª conferência europeia "European Museum Advisors Conference", que passou por Loures, Mafra, Cascais e Lisboa e tendo sido inteiramente dedicada à crise como um desafio de fazer mais e melhor nos museus europeus; o envolvimento dos museus da RMMG como parceiros oficiais e/ou convidados de diferentes associações sem fins lucrativos que, no âmbito da persecução dos seus objectivos, encontraram nestes equipamentos museológicos a confiança para implementarem os seus projectos (nestes casos, regra geral, o investimento municipal passa por contribuir com as horas de trabalho dos seus colaboradores e pelo apoio logístico possível de oferecer). Seria incorrecto não mencionar que por detrás de cada um destes projectos subvencionados pela União Europeia (ou pelo MFEEE) se investiram muitas horas de preparação e ajuste das actividades. Seria pouco inteligente não aproveitar todos os recursos ao nosso alcance para continuar a melhorar o trabalho, reforçar as capacidades e a motivação das equipas.

Investir na cultura e nos museus, mesmo em tempo de crise, é investir nas pessoas e nas comunidades. Investir na cultura e nos museus, mesmo em tempo de crise, é marcar uma ideia, uma visão e uma concepção do futuro. Representa, a meu ver, algo maior e superior ao custo financeiro da obra: capitaliza o esforço e o contributo de todos que, dentro e fora dos museus, de uma forma invisível e continuada, quase obstinada, trabalham em nome da cultura.

Estou convicto, em Loures os museus vão continuar a construir sucessos apesar do panorama não ser o mais favorável. Mudar implica riscos, mas não nos devemos impedir de ensaiar novas formas de envolver as pessoas na vida dos museus e os museus na vida das pessoas.

NOVOS, RECENTES E RENOVADOS

MUSEU DO VINHO E DA VINHA - BUCELAS

CONCEIÇÃO ASSIS MACIEIRA
Coordenanora da Área de Museus e Galerias, Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Loures

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce."
Fernando Pessoa

Apresentação

Falar do Museu do Vinho e da Vinha – Bucelas (MVVB) é falar de uma novidade que conta com mais de uma década de antecipação, reflexão e maturação.

A citação de Pessoa espelha bem aquilo que o dia 26 de Julho de 2013 significou para nós em Loures, com a inauguração deste espaço museológico. Foi a concretização de um sonho que, numa conjuntura social e económica tão vincada pela crise em que o nosso país está mergulhado, assume um duplo carácter de realização e de esperança. Realização porque, malgrado as vicissitudes e os muitos anos de intervalo desde que pela primeira vez se desenhou a ideia de criar este museu até ao dia da sua inauguração, ele aí está pronto para começar a trilhar o seu caminho. Esperança, porque numa época em que é mais fácil utilizar a crise como pretexto para desistir, somos a prova de que os museus continuam a fazer sentido (talvez agora mais que nunca) e a abertura de mais um espaço museológico de tutela municipal deve servir de incentivo a todos os que trabalham e acreditam na cultura em Portugal.

Trata-se do terceiro museu do município de Loures e vem reforçar a rede local de museus que, com o Museu Municipal de Loures (1985) e o Museu de Cerâmica de Sacavém (2000), procura compreender e perpetuar a herança histórica e um património que têm tanto de diverso como de comum, num território que ainda hoje denota uma grande clivagem entre o mundo rural e o urbano e que agrega uma ampla diversidade cultural, fruto das grandes migrações domésticas das décadas de 50 e 60 do século passado, bem como dos fluxos migratórios, de finais do século XX e inícios de XXI, potenciados pela proximidade a Lisboa.

A ideia de um Museu do Vinho em Bucelas estava há muito enraizada na vontade das gentes da terra que com expectativa, ansiedade e alguma descrença também, têm todos estes anos aguardado a concretização dessa ambição. Bucelas, aqui entendida como toda a freguesia e não apenas como a vila propriamente dita, é berço de uma comunidade zelosa da sua identidade e da sua herança, com um orgulho muito próprio no seu vinho branco de centenária região demarcada. O MVVB apresenta um discurso vocacionado para a história e a identidade local, fortemente relacionadas com a produção vitivinícola e para a promoção do território, tendo como norteador o vinho branco ali produzido e uma abordagem de cariz teórico-simbólica que correlaciona o vinho com as suas múltiplas representações culturais.

Num edifício cuja história está intimamente relacionada com a tradição vitivinícola local, o museu apresenta dois espaços expositivos distintos. Uma área de exposição de longa duração, onde o visitante fica a conhecer as principais fases de trabalho da vinha e os meios tradicionais de produção e um mezanino reservado para exposições temporárias cujo teor se desenvolve sempre em torno da temática do vinho.
No mesmo imóvel funciona, desde Março de 2012, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, que integra a Rota Histórica das Linhas de Torres. Este espaço aborda o período das Guerras Peninsulares e o esforço da população local na edificação das fortificações que derrotaram os exércitos napoleónicos. As Linhas de Torres são actualmente alvo de um projecto intermunicipal de recuperação e requalificação, numa acção concertada entre os municípios de Loures, Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Vila Franca de Xira, Mafra e Torres Vedras.

O museu dispõe também do Centro de Documentação Camilo Alves, especializado na temática vitivinícola e na história das Guerras Peninsulares e de um espaço de oficinas para o Serviço Educativo. Para além destas valências também possui uma sala para a realização de *workshops* e provas de vinho e de um espaço de loja, onde o vinho de Bucelas será atracção principal.

Sendo a acessibilidade uma preocupação partilhada pelos museus de Loures, este também oferece facilidade de estacionamento e acessos adequados para visitantes com mobilidade reduzida, o percurso expositivo dispõe de painéis em braille e o documentário, que constitui um dos núcleos da exposição de longa duração, tem tradução em Língua Gestual Posrtuguesa.

O edifício

O imóvel que recebe o Museu do Vinho e o Centro de Interpretação das Linhas de Torres é uma antiga casa de habitação com adega e lagar anexos, dos finais do séc. XIX. Esta casa foi propriedade dos Camilo Alves, família com raízes na cultura vitivinícola da região, cujo nome está indelevelmente associado à produção e comercialização do vinho de Bucelas. Pelo menos desde 1881, quando João Camilo Alves e o cunhado Augusto Carlos Monteiro Freire iniciaram a comercialização dos vinhos ao fundar a firma “Alves & Freire” e, a partir de 1921, quando João Camilo Alves fundou juridicamente a firma com o seu nome.

Em 1971, a propriedade, situada na antiga Rua do Pego, hoje Rua D. Afonso Henriques, passou a fazer parte dos ativos da "Central de Cervejas SARL" graças à transação de um volume maioritário de acções da "João Camilo Alves, Lda." para a posse da empresa cervejeira. Já na viragem para o século XXI, passou a integrar o património da empresa "Urbisflama", antes de ser finalmente confiada ao domínio público do Município de Loures.

O projecto arquitetónico de adaptação do imóvel, data de 2006, assinado pela dupla Isabel Aires e José Cid. A residência foi recuperada com o mínimo de alterações possível de modo a acolher os serviços administrativos, o Centro de Documentação Camilo Alves e o Serviço Educativo no primeiro piso, e o Centro de Interpretação das Linhas de Torres, a loja e a sala de prova de vinhos, no piso térreo. A antiga adega e lagar foram adaptados a espaço de exposição, mantendo-se as estruturas existentes, como os depósitos de vinho da segunda metade do século XX e procedendo-se à montagem de um lagar de vara, fruto de duas demolições ocorridas na freguesia já no decurso deste século.

A intervenção realizada implicou a reabilitação cuidada de diversos elementos da construção, nomeadamente das estruturas de madeira das coberturas, dos telhados de telha marselhesa e das paredes de alvenaria. A escada interior da habitação foi restaurada, tal como os trabalhos decorativos em estuque existentes nos tetos e paredes de algumas salas. Também foram recuperados os antigos portões de madeira da adega e do lagar, assim como as varandas de ferro forjado da residência.

Missão e objectivos

Este museu é, como já se disse, o culminar de uma longa etapa de trabalho cujo embrião remonta aos primórdios do Museu Municipal de Loures (1985) onde se deu início ao estudo sistemático da zona norte do concelho, na sua vertente marcadamente rural. Daqui se estabeleceu uma duradoura rede de contactos e parcerias que possibilitou não apenas o aumento do conhecimento e do acervo das reservas etnográficas do Museu Municipal, como lançou as bases para uma compreensão mais aprofundada da região, abrindo caminho para a criação de um museu com a especificidade que este, recém-inaugurado, corporiza.

A linha condutora deste projecto museológico privilegia a íntima relação com o território, procurando afirmar-se como uma plataforma de encontro das sinergias locais (produtores, agricultores, comunidade escolar, associações culturais, colectividades…) para o entendimento e valorização da sua unicidade mas, talvez mais importante, para a sua transmissão enquanto herança viva que a todos importa manter.

No museu, o vinho "Bucelas", *ex-libris* desta região, motivo do orgulho e esperanças na encruzilhada entre o rural e o urbano, é o pretexto para agregar tradição e modernidade, o ancestral *saber-fazer* e as mais recentes técnicas de produção vinícola, para falar de história e de lendas, de literatura e de arte.

A consciência local define-se sobretudo em torno deste vinho, referência essencial na freguesia, constituinte da sua identidade e materializada também, na anual Festa do Vinho e das Vindimas (que ocorre desde 1989). Missão e objectivo do museu assentam na intenção de transportar para o plano museológico não apenas a história, as estórias e os objectos que se interpretam no seu espaço físico, mas para incluir neste discurso tudo aquilo que, fora das paredes do museu, é efectivamente o Museu do Vinho e da Vinha: a freguesia de Bucelas, com as suas gentes, os seus vinhedos, o seu micro-clima, as suas festividades, o calendário do trabalho da vinha, com as técnicas tradicionais transmitidas ao longo de gerações, os mesteres antigos ligados à arte do vinho, passando pela tanoaria, a cestaria ou a latoaria, só para referir os mais imediatos e que ainda hoje se praticam, a modernização dos novos tempos, o impacto das Guerras Peninsulares, que com a construção das fortificações moldaram a geografia da paisagem… Em suma, o património local nas suas várias dimensões, desde a paisagem física e humana, a cultura, a comunidade, a economia, a identidade. Um dos objectivos do museu passa pelo estabelecimento de uma rede de parcerias com estes proprietários de forma a facilitar as visitas a estas adegas e a outros espaços de interesse como por exemplo as tanoarias, que são hoje verdadeiros museus vivos.

O Museu do Vinho e da Vinha, enquanto espaço físico, é tão só um ponto de partida para abarcar tamanha diversidade.

A exposição

A área de exposição do museu divide-se em dois espaços complementares.

No piso térreo a exposição de longa duração está organizada em cinco núcleos, em que o visitante fica a conhecer o vinho de Bucelas, as principais fases de trabalho da actividade vitivinícola e os meios tradicionais da sua produção. O vinho branco de Bucelas, cuja produção em região demarcada está legislada por decreto desde 3 de março de 1911, permanece envolto numa aura de lendas e histórias, em que realidade e mito se confundem. Uma ilustração de grande dimensão que condensa este universo, dá o mote para a exposição e é partir dela que se abre o percurso expositivo.

O segundo núcleo apresenta uma súmula das principais actividades e ofícios relacionados com a vitivinicultura. Cada etapa é evocada por um objecto do quotidiano que, ao ser valorizado enquanto peça museológica, desperta o visitante para a significação patrimonial e simbólica da ferramenta idêntica que guarda em casa e que, em alguns casos, ainda serve o seu propósito inicial de trabalho.

Um breve documentário que nos permite compreender o processo que conduziu à criação das regiões demarcadas fora do Douro e estabelece a evolução da legislação vitivinícola em torno do branco de Bucelas, mostrando também os ciclos de trabalho na vinha, constitui o terceiro momento expositivo. Esta área de projecção está preparada para se adaptar a um mini auditório.

Naquele que era o espaço da antiga adega foi montado um lagar de vara com elementos provenientes de dois antigos lagares existentes na freguesia, cuja demolição em inícios da década de 2000, foi acompanhada pelos técnicos do MML.

Foram preservados os blocos de alvenaria, o contrapeso, um fuso e as antigas varas, já com vista à sua reimplantação no futuro museu. Este quarto momento recupera uma das mais antigas tecnologias de produção do vinho, estabelecendo uma ligação directa a alguns lagares que actualmente ainda funcionam na freguesia.

Na área do antigo lagar da casa, termina a exposição de longa duração, com a explicação da evolução tecnológica na produção do vinho, aproveitando a narrativa do próprio edifício, testemunho das alterações e adaptações a que foi sujeito para acompanhar a modernização ocorrida no decurso do século XX.

No mezanino, reservado para exposições temporárias optámos para primeira exposição, por fazer a evocação do espaço de taberna. A taberna, lugar por excelência das sociabilidades locais, sobretudo da convivialidade masculina, espaço de lazer mas também de negócio, permite ao museu uma correlação direta e imediata com as memórias locais e com uma vivência que, também ela se modernizou, mas que ainda se mantém, sobretudo nos pequenos lugares e aldeias.

A visita pode ser realizada com o acompanhamento de um técnico ou livremente.

O projecto pedagógico

O que é um projecto pedagógico? No nosso entendimento é comunicar o mais possível, numa óptica de 360º, nos eixos aprender/ensinar; ensinar/aprender.

Existiu todo um trabalho prévio de recolha e aprendizagem que foi realizado ao longo de anos no terreno e que serve de base de sustentação ao modo como vamos comunicar com os diversos públicos. Neste sentido estamos conscientes que é impossível abarcar todo o conhecimento associado às temáticas do Museu. Carecemos do saber que os nossos visitantes nos trazem. Em cada visita e em cada oficina que acontece há sempre um momento de partilha, de troca e de enriquecimento mútuo.

O projeto pedagógico desenhado para o MVVB designa-se “Do Bacelo ao Copo”. Com ele pretendemos abarcar todas as etapas, desde que o bacelo é colocado na terra até chegar à mesa na forma de vinho. Isto, desde que há memória deste procedimento ser realizado na região de Bucelas. Enquanto se explica a importância do vinho e o seu impacto na comunidade, preserva-se também a memória de todos os que, ao longo de séculos, contribuíram para este património. O projecto é trabalhado em diferentes linhas de acção, tendo o vinho branco de Bucelas como eixo central.

Importa abordar pedagogicamente a vinha e as suas fases de trabalho; as profissões tradicionais, buscando-se aqui uma colaboração directa com os artesãos que ainda exercem as suas artes; o funcionamento dos lagares e a produção do vinho, passando pelo conhecimento das castas aos processos químicos de transformação do sumo da uva em bebida alcoólica; a comercialização e as estórias dos produtores; a sociabilidade, da adiafa às tabernas, sem esquecer os momentos de festividade popular e religiosa que também se encontram no vinho. O núcleo expositivo do Centro de Interpretação das Linhas de Torres, por algumas das fortificações que existem no Concelho de Loures partilharem o mesmo espaço físico da região demarcada, terá também a mesma abordagem que é feita para o vinho de Bucelas. Mesmo a

contextualização e explicação, dos antecedentes e do pós-guerra, nacionais e internacionais, partem sempre desta partilha local do mesmo espaço físico e temporal.

Território, interculturalidade, capital social, saber-fazer, tudo se entrecruza tanto na definição do MVVB como na concretização do projeto pedagógico para ele pensado. O programa foi desenhado em função dos públicos com que os Museus de Loures têm trabalhado, em especial a comunidade escolar, famílias, população sénior e públicos com necessidades (especiais).

Neste ponto permitam-nos uma reflexão. A palavra especiais surge entre parênteses, uma vez que é, de certa maneira, desnecessária. Um exemplo: da mesma forma que um normovisual quando visita um museu necessita que lhe disponibilizem imagens, textos, objectos, para que a sua experiência possa ser satisfatória, um invisual também tem necessidade que no museu existam percursos adaptados, textos em braille, objectos para tocar. Se estas premissas não forem satisfeitas, o museu falha no cumprimento da sua missão, sendo que ambas são estruturais e nenhuma tem o destaque de "especial".

O MVVB terá uma mascote, especialmente pensada para o público infantil, cujas aventuras irão permitir uma melhor transmissão dos conceitos e eixos de trabalho da comunicação do museu. Sendo um personagem pensado como os da banda desenhada, a sua função é de combate e prevenção, sempre numa perspectiva pedagógica. Além das aventuras contra as doenças que assolam as videiras, falará também do trabalho físico e dificuldades inerentes à vinha e tem também a função de alertar para os malefícios associados ao consumo de álcool em excesso.

Para fidelização de públicos está criada a figura do "Companheiro do Museu", uma ficha de identificação de cada visitante que passa no serviço educativo e que vai sendo completada a cada nova visita.

Expectativas de futuro

Este museu, com menos de dois meses de abertura, começa agora a trilhar um caminho que o levará a encontrar o seu espaço na comunidade que o explica e justifica. Sendo um equipamento cultural novo mas com uma longa história feita nos bastidores da investigação e trabalho no terreno, na construção de uma rede de informantes e colaboradores entre os legítimos detentores do património, cabe-lhe agora perpetuar esta identidade, assumindo-se enquanto lugar em permanente construção.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Actas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa
Edição: ICOM PT e CPLP
Disponível gratuitamente, dependendo da disponibilidade dos exemplares, através do ICOM Portugal

Museums and social activism: Engaged protest
Kylie Message
Editora: Routledge
Preço: £29.99
ISBN 978-0-415-65853-9
(a publicar em Outubro 2013)

Doing museology differently
Duncan Grewcock
Editora: Routledge
Preço: £80.00
ISBN 978-0-415-53730-8

Museums, social inclusion and online networks
Russo, A. and Kelly, L.
Editora: Routledge
Preço: £80.00
ISBN 978-0-415-83737-8
(a publicar em Outubro 2013)

NOTÍCIAS ICOM

O INVENTÁRIO PARTICIPATIVO E OUTROS HORIZONTES DE ACTUAÇÃO (ECO)MUSEAL

GRAÇA FILIPE

O *Inventário participativo* foi o tema de um interessante seminário em que participei recentemente, organizado pelo Ecomuseo delle Acque del Gemonese (http://www.ecomuseodelleacque.it/), em Gemona del Friuli, Itália, nos dias 10 a 11 de junho de 2013. Reuniu cerca de uma centena de participantes: especialistas e actores de desenvolvimento local e comunitário, museólogos, investigadores, professores universitários, técnicos de património natural e cultural.

Os debates centraram-se nos processos e experiências de inventário participativo implicando alguma forma de participação comunitária e ligados a outras acções de desenvolvimento local, através de abordagens e metodologias interdisciplinares. Recorde-se que tais processos aplicam um termo criado por Hugues de Varine e que vem sendo disseminado em vários países e contextos territoriais.

Entre as experiências apresentadas e quanto às práticas e metodologias de trabalho mais inovadoras, destacam-se os *mapas de comunidade,* como processos e ferramentas levadas a cabo colectivamente, para identificação, descrição, selecção e actualização dos patrimónios representativos de um dado território, de valor não apenas científico, mas reconhecidos e apropriados pelas comunidades. Apresentaram-se exemplos não só de Itália - por exemplo de Godo (Gemona del Friuli http://www.mappadicomunita.it/), de Casentino (Toscana), de Parabiago (Lombardia) -, mas também do Brasil – nomeadamente Lomba do Pinheiro, Porto Alegre.

Enquanto exercício colectivo e cooperativo de identificação de bens e recursos pertencentes a um território e à sua comunidade, passíveis de serem utilizados e partilhados por todos, o inventário participativo pressupõe a colaboração e a articulação com as entidades públicas e diversas organizações e grupos da sociedade civil. A par da evolução e da transformação dos patrimónios, assim os processos de diagnóstico e de inventário carecem de um constante de trabalho de avaliação e de actualização, à medida que evoluem as relações das comunidades – e de cada um dos seus membros – com os objectos, as manifestações culturais e as paisagens, elementos que fazem parte da sua vida e da mudança social que a acompanha.

No seminário foram igualmente abordados e discutidos outros aspectos ligados à gestão e valorização do património, aos modos de participação das comunidades e aos processos de patrimonialização (sob as múltiplas vertentes em que operativamente se constitui e multiplica o património, na actualidade). A análise e a reflexão crítica proporcionadas evidenciaram o papel dinâmico dos museus e dos ecomuseus, convocando diversas formas de organização e constituindo parcerias, para assegurar a sustentabilidade dos patrimónios e responder aos interesses das populações.

CALENDÁRIO DE INICIATIVAS SET - NOV 2013

[Congresso] INTERNACIONAL CONGRESS OF MARITIME MUSEUMS
8 A 15 SET
Palácio da Citadela e Casa das Histórias Paula Rego, Cascais
Mais informações: http://www.icmmcascais2013.org

[Encontro] PLURALIZAR AS MEMÓRIAS DO MAR NO CONTEXTO MUSEOLÓGICO
21 SET
Museu Marítimo de Ílhavo
Organização: MINOM PORTUGAL
Mais informações: http://minomemoriaeoralidade.wordpress.com/encontros/

[Seminário] A UTILIZAÇÃO DOS *THESAURI* NOS SISTEMAS DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL
30 SET
Oradora: Natália Jorge
Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa
Organização: BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
Mais informações: http://www.apbad.pt/Downloads/formacao/Seminarios/S04.pdf

[Conferência] CULTURA NAS REDES: REDES SOCIAIS, NOVOS ACESSOS À OFERTA CULTURAL
14 OUT
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Organização: Acesso Cultura (ex GAM)
Mais informações: www.acessocultura.org

[Webinar] INTEROPERABILIDADE EM INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA
22 OUT
Oradora: Cristina Cortês
Via computador
Organização: BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
Mais informações: http://www.apbad.pt/Downloads/Webinar_InteropInstMemoria_22102013.pdf

[Debate] SERVIÇO PÚBLICO, MUSEUS E FOTOGRAFIA: QUE LIMITES?
24 OUT, às 18h30
Lisboa (Museu da Cidade) e Porto (local a confirmar)
Organização: ICOM Portugal e Acesso Cultura
Mais informações em breve em: www.icom-portugal.org e www.acessocultura.org

[Webinar] SPECTRUM: NORMA DE PROCEDIMENTOS DE GESTÃO DE COLECÇÕES
19 NOV
Orador: Alexandre Matos
Via computador
Organização: BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
Mais informações: http://www.apbad.pt/Downloads/webinar_Spectrum_19112013.pdf

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.
Editoras Maria Vlachou (mariavlachou.pt@gmail.com)
Design Sistemas do Futuro